



Centro Universitário

**UNIVAG CENTRO UNIVERSITÁRIO
GPA DE SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

SIDNEY GOMES DE ARRUDA

**INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA
PERSPECTIVA DO ESTAGIÁRIO NO CONTEXTO ESCOLAR**

**VÁRZEA GRANDE - MT
2018**

SIDNEY GOMES DE ARRUDA

**INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA
PERSPECTIVA DO ESTAGIÁRIO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito para a aprovação no
curso de Psicologia, do Centro Universitário de
Várzea Grande - UNIVAG.

Orientadora: Profa. Ma. Renata Vilela
Rodrigues.

**VÁRZEA GRANDE - MT
2018**

AGRADECIMENTOS

Por ser um momento muito especial, quero agradecer primeiramente a Deus por me conceder graça e sabedoria para realizar o trabalho.

À minha família pelo apoio prestado, em especial a minha esposa Izabela Gutierrez de Arruda e minha filha Anny Beatriz Gutierrez de Arruda, que são meus alicerces.

Quero expressar uma enorme gratidão para minha orientadora Renata Vilela Rodrigues que muito me ajudou, com o seu profissionalismo, me instigando para as leituras, nas orientações precisas que despertaram em mim o desejo pela pesquisa científica e com alegria poder finalizar este trabalho.

A todos os professores que fizeram parte desta trajetória e muito contribuíram com os seus ensinamentos para o meu aprendizado.

Em especial quero agradecer também a minha colega Marcilene Cardoso de Oliveira que juntos participamos durante um ano no Estágio Profissional Escolar, um lugar de desafios e que desfrutamos de muitas experiências com os alunos, professores e funcionários, possibilitando a partir deste trabalho de estágio, que eu tivesse um objeto de pesquisa e, assim, pudesse fazer um relato de experiência no contexto escolar através de uma intervenção psicossocial, fruto deste trabalho.

INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA DO ESTAGIÁRIO NO CONTEXTO ESCOLAR

ARRUDA, Sidney Gomes¹
RODRIGUES, Renata Vilela²

RESUMO: Este artigo é o produto de um relato de experiência de um estagiário no contexto escolar que propôs desenvolver oficinas psicossociais para promover a ressignificação dos alunos em relação à aprendizagem, fortalecer os vínculos escolares e repensar a sua atuação no contexto escolar. Mais especificamente, visava possibilitar transformações nesse espaço, que rompesse com a estigmatização, preconceitos e a manutenção da desigualdade sociais. Também a psicologia escolar visa problematizar a escola e as relações que estabelecem na comunidade, bem como os processos psicossociais presentes nessa relação. Para alcançar nosso objetivo utilizou-se uma base teórica que retrata a educação escolar, a psicologia escolar, as políticas públicas, as oficinas de dinâmicas de grupo na perspectiva psicossocial de Afonso e as ferramentas metodológicas de coletas de dados a partir das observações e conversa no cotidiano propostos por Batista, Bernardes e Megenon; e Cordona, Cordeiro e Brasilino. O trabalho demonstra uma relevância da presença do psicólogo no contexto escolar, uma vez que esse espaço é composto por sujeitos multifacetados e torna-se necessária a presença de uma equipe interdisciplinar, que propicie o desenvolvimento dos estudantes. Após a observação da demanda, foi realizado um planejamento flexível das intervenções que foram trabalhadas nos encontros. Nesses momentos ocorrem as discussões das temáticas, trocas de experiências, fortalecimento de vínculos e uma autopercepção do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Relato de Experiência. Psicologia Escolar. Educação

ABSTRACT: This article is the product of an experience report of a trainee in the school context that proposes to develop psychosocial workshops to promote the re-signification of students in relation to learning, to strengthen school ties and to rethink their work in the school context, that breaks with the stigmatization, prejudices and the maintenance of the inequality. Also, school psychology aims to problematize the school and the relations that establish in the school community, as well as the non-cognitive processes present in this relation. To achieve this goal, a theoretical basis was used that portrays school education, school psychology, public policies, workshops on group dynamics in the psychosocial perspective of Afonso, and the methodological tools of data collection from the observations and conversation in the proposed by Batista, Bernardes and Megenon; and Cordona, Cordeiro and Brasilino. The work demonstrates a relevance of the presence of the psychologist in the school context, since this space is composed of multifaceted subjects and it becomes necessary the presence of an interdisciplinary team, that propitie the development of the students. After the observation of the demand, a flexible planning of the interventions that will be worked out in the meetings was carried out. In these moments the discussions of the themes occur, exchanges of experiences, strengthening of ties and a self-perception of the subject.

¹ Acadêmico de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG,
E-mail: sga-betel@hotmail.com

² Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG.

KEYWORDS: Experience Report. School Psychology. Education.

1 – INTRODUÇÃO

A educação é um fator indispensável para o desenvolvimento do país. Ao perceber esse valor, o presente trabalho descreve intervenções realizadas no formato de oficinas psicossociais, propostas por Afonso (2015). As oficinas psicossociais são intervenções em grupos estruturadas que se propõe a trabalhar uma questão central do grupo, em um contexto social. O trabalho que se busca nas oficinas envolve o sujeito de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir. As oficinas, enquanto método psicossocial, possuem um cunho pedagógico, na medida em que, ensina novas formas de pensar e, outro terapêutico, já que realiza um trabalho de interrelação entre cultura e subjetividade (AFONSO, 2015).

Em nossas intervenções, as oficinas psicossociais foram relevantes por possibilitar um espaço de reflexões sobre suas vivências na escola e sociedade, sendo que o sujeito que produz e busca se posicionar. Também permitiram trabalhar a dimensão do sentido da educação com os discentes do 8 ano de uma Escola Estadual, localizada na capital mato-grossense, bem como possibilitaram que realizássemos dinâmicas e debates a fim de promover a ressignificação em relação à aprendizagem, despertar a reflexão acerca do respeito para com o outro e fortalecer os vínculos dentro da escola. A proposta de intervenção também pretendeu levar o aluno a repensar sua atuação no contexto escolar, tornando-o protagonista e ativo no seu processo de desenvolvimento do ensino aprendizagem³, que se trata de um processo que anda junto e só se aprende aquilo que é ensinado.

As razões afetivas e culturais, as crenças, as ideologias, os valores que permeiam a relação professor e aluno, muitas vezes não são levados em conta por ambos os lados do processo de aprendizagem, pois, trata-se de um ato contínuo e depende também das relações

³ Segundo Gallo (2012, p. 01): “Em termos contemporâneos, a Psicologia Educacional entranhou nos processos educativos a noção de ensino-aprendizagem, que procura ligar, de forma indissolúvel, estas duas ações, o ensinar e o aprender”. Pois, entende-se que para o aprender torna-se necessário o ensinar, que, por sua vez, é mediado por um outro.

que se constroem na sociedade. De acordo com Freire (2001, p. 40): “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tornamos parte”. O ambiente social, cultural, as vivências diárias que cercam o sujeito ajudam na construção da identidade do cidadão.

Com base nessa percepção, a realização do artigo possibilita uma vivência real, articulando teoria e prática, o que pode promover um maior conhecimento acerca da atuação do psicólogo no âmbito escolar e permitir reflexões que abordam essa atuação no contexto educacional, que está sendo repensada, à medida que se problematiza o modelo clínico-terapêutico a esse ambiente, atendendo de maneira individualizada e culpabilizando o aluno por seu fracasso escolar. Em contrapartida, propõe-se uma atuação voltada para as dimensões psicossociais do ambiente escolar, considerando a escola e as relações que aí se estabelecem como objeto de estudo e prático do psicólogo escolar, conforme indica Antunes (2008).

Atualmente, o psicólogo escolar adentra esse espaço a fim de contribuir para a construção de um ambiente propício ao processo de ensino aprendizagem, integrando todos os atores envolvidos nesse processo. Ao pensar nessa circunstância, foi desenvolvido esse trabalho para que traga benefícios aos envolvidos no processo de desenvolvimento integral e ensino aprendizagem, portanto, torna-se necessário que se adentrem a esse espaço, para que venham conhecer a realidade de todos os envolvidos.

No processo de construção da pesquisa, houve um levantamento de informações necessárias que foi realizado através de observação e, posteriormente, convertido em proposta intervenção direcionada para a demanda da escola. Para tanto, utilizou-se as ferramentas metodológicas de coletas de dados a partir das observações e conversa no cotidiano propostos por Batista, Bernardes e Megenon (2014) e Cardona, Cordeiro e Brasilino (2014).

O trabalho permite uma experiência ao pôr em prática os referenciais teóricos adquiridos e essa experiência pôde servir como uma valiosa oportunidade para a compreensão dos processos que estão inseridos no contexto escolar. Nesse sentido, o artigo demonstra uma relevância da presença do psicólogo no contexto escolar, uma vez que esse espaço é composto por sujeitos multifacetados e torna-se necessário a presença de uma equipe interdisciplinar, que propicie o pleno desenvolvimento das crianças e adolescentes.

2 – A PSICOLOGIA E OS PROCESSOS EDUCATIVOS

A psicologia escolar trabalha com um olhar voltado para o sujeito, preocupando-se em prestar um bom acolhimento e um suporte para que a pessoa consiga entender melhor as suas emoções e os seus conflitos vivenciais. Ao se deparar com o contexto escolar, a prática psicológica tem um papel fundamental em resguardar os direitos básicos do aluno. A Constituição Federal defende que “Toda criança tem direito à educação”.

Essa assertiva é muito conhecida e usada por várias pessoas, porém o que muitos não sabem é que o direito a educação é amparado por lei. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 2010, p. 20) art.53, a criança e o adolescente não apenas têm direito à educação, mas ela tem que visar o desenvolvimento desse indivíduo e prepará-lo para trabalho e cidadania.

A educação brasileira e a relação professor e aluno, o ensino e aprendizagem é um tema relevante a ser discutido em trabalhos científicos, por mostrar seu quadro real e crítico, por mostrar uma discordância entre os programas educacionais, as políticas públicas que deixam a desejar em sua efetivação e funcionalidade. Trata-se de um direito fundamental do cidadão que é respaldada por lei na Constituição Federal (BRASIL, 1988, p. 1966) que diz:

A educação em primeiro lugar é um direito fundamental de todo o cidadão garantido na Constituição Federal no capítulo II dos Direitos Sociais que diz no Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (EC no 26/2000 e EC no 64/2010).

A educação é o diferencial na construção de uma sociedade, um marco fundamental que propicia o desenvolvimento do país e de cada cidadão, trata-se de uma ferramenta de capacitação que prepara o sujeito para a vida. Ela é uma área que merece especial atenção devida a relevância social e pessoal que desempenha, por isso, dada a sua importância, a educação é um dos requisitos para avaliar o Índice de Desenvolvimento Humano de uma população.

Com esse objetivo, a lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB, 2014, p. 9) que diz:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. § 1º Esta lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Conforme a LDB, a educação é um marco fundamental na formação, nas vivências do cidadão, pois possibilita o desenvolvimento do sujeito, com base nas suas práticas e relações que se constroem no decorrer da nossa vida, no nosso ambiente familiar, escolar, social e

cultural. O sujeito está constantemente nesse processo de formação e aquisição de novos conhecimentos para a sua vida.

Nessa concepção, a educação necessita de políticas educacionais eficazes que alcancem todas as classes sociais e forneçam ensino de qualidade para a população. Essa trajetória não é fácil e depende da participação e envolvimento de toda a comunidade. Atitude de grande importância e necessária que vai de encontro ao pensamento de Afonso (2001, p. 15) que diz: “[...] estou disponível para equacionar alternativas e dar um contributo em diálogo e confronto crítico; sei, no entanto, que projectos e políticas de transformação em educação são uma tarefa árdua que só poderemos verdadeiramente retomar e realizar colectivamente”. A educação depende do engajamento de toda a sociedade, a comunidade escolar e família para obter uma educação transformadora e diferenciada por construir relações, colocar-se no lugar do outro e ter vivências humanizadas.

No que diz respeito à Psicologia Escolar, Guzzo (2008, p. 1) salienta que o psicólogo em uma instituição escolar “[...] pode contribuir para construir um entendimento mais integrado sobre o que acontece com a criança e sua família”. Entendemos que o que acontece com ela pode interferir no seu processo de desenvolvimento e de ensino aprendizagem. Conforme Guzzo (2008, p. 2):

Este processo é permeado por diferentes influências e condições objetivas nem sempre identificadas e trabalhadas pelos professores, sobretudo pela situação precarizada da escola – muitas crianças por sala, método generalizado de ensino, falta de acompanhamento individualizado, ausência de técnicos, dentre outras – que acabam por produzir sérios problemas.

Nessa direção, é relevante que os psicólogos adentrem esse espaço, não com o intuito de clinicar, não no sentido conforme salienta Guzzo (2008, p.3):

[...] O papel de diagnosticar e encaminhar ou tratar, caso a caso, em um modelo de atuação que prioriza o indivíduo isolado de seu contexto de desenvolvimento, traz consequências desastrosas na satisfação das necessidades da população em relação a este serviço, sejam professores, equipe de direção da escola pais ou estudantes.

Todavia, de promover transformações nesse espaço, que rompa com a estigmatização, preconceitos e a manutenção da desigualdade vigente na sociedade neoliberal atual. Novas possibilidades se abrem para o psicólogo no contexto escolar. Segundo Martinez (2009), como psicólogo podemos devolver variadas ações em instituições educativas que considerem a dimensão psicoeducativa e psicossocial dessas. Essas envolvem intervenções nos processos educativos, comunicacionais, relacionais e organizacionais. Essas práticas contemporâneas podem criar condições favoráveis ao pleno desenvolvimento do aluno, bem como ao trabalho do professor. Situação que acarretaria na promoção de maior qualidade não só processo de

ensino e aprendizagem, mas também na formação de sujeitos ativos e atuantes na constituição de suas vidas.

Nesse percurso, é notório destacar a existência da desigualdade e exclusão na sociedade que são repletos de injustiças, discriminações e falta de oportunidades. Para uma melhor compreensão dessas questões destacamos Patto (1997, p. 459) que diz:

Os segmentos de classe insatisfeitos – geralmente grupos étnicos socialmente discriminados – passaram a ser chamados de “dinamites sociais”, que precisavam ser desativadas o mais depressa possível. Tanto quanto a “desordem”, a injustiça repugna às consciências liberais, imbuídas que estão da viabilidade da liberdade, da igualdade e da fraternidade numa sociedade dividida em classes. Era preciso fazer alguma coisa para que a injustiça fosse abolida e se corrigisse o injusto curso que a história tomara, supostamente por motivos alheios à ação dos homens. Era preciso reinstaurar, na vida cotidiana, a crença na igualdade de oportunidades.

De acordo com a autora supramencionada, existe injustiça social e desigualdade nas oportunidades em nossa sociedade que é dividida em classes econômicas, assim, torna-se importante termos uma sociedade que forneça as mesmas condições para todos os cidadãos e uma educação que inclua a todos.

No contexto da sociedade que se vivencia atualmente, temos na educação a possibilidade de adquirirmos o desenvolvimento social, econômico e cultural. Ou de uma educação que reproduza essa sociedade desigual e injusta. Conhecemos a identidade de um país ao verificar o seu interesse e investimento numa educação de qualidade.

No ambiente escolar, pontuamos que a interação entre docente e discente são imprescindíveis para o desenvolvimento de uma educação inclusiva e que rompa com as desigualdades sociais, por isso deve ser uma relação respeitosa com disponibilidade para executar a sua função, na construção de relacionamentos afetivos, respeitando o limite e o espaço do outro, sendo prestativo para atender à demanda do outro e, assim, produzir situações prazerosas na produção de conhecimento e construções de relações sociais que beneficie todo ambiente escolar.

É nessa perspectiva que se torna relevante a atuação do psicólogo nos contextos educacionais. Embora haja um leque de possibilidades de atuação profissional ao psicólogo, a maior preferência dos acadêmicos e dos psicólogos formados ainda reside no atendimento em clínicas, com atendimentos individualizados. Segundo Guzzo (2008, p.5):

O consultório particular, o atendimento individualizado, e a ideia de que o problema é centrado no indivíduo e não focado nos seus contextos imediatos e mediados de relações, ainda são a marca da profissão e da área do conhecimento.

Tal situação limita a possibilidade de ingresso do psicólogo na rede pública e quando o faz, há pouca clareza em relação a como atuar. Em decorrência dessa circunstância, o

Conselho Federal de Psicologia (CFP) tem se esforçado para construir políticas que norteiem a prática do psicólogo no contexto escolar e que essa inserção traga mudanças à realidade vivida pelo público atendido. Como, por exemplo, orientações sobre como psicólogos podem atuar nas políticas públicas e nas políticas educacionais. Nessa mesma direção, Guzzo (2008, p. 2) ressalta:

O Conselho Federal de Psicologia toma a iniciativa de provocar um debate nacional sobre esta temática com a finalidade de pensar, formular e propor políticas para este espaço de exercício profissional [educação] e, ao mesmo tempo, criar possibilidades de transformação da realidade pela mudança estrutural das escolas públicas brasileiras.

Mesmo com as dificuldades advindas das preferências dos psicólogos, percebemos que o psicólogo está, a passos lentos, inserindo-se no contexto escolar e essa inserção possibilita a compreensão dos atravessamentos que afetam tanto as crianças, como sua família e os vários profissionais que ali trabalham, através de visão mais apurada da complexidade deste campo, que conforme Guzzo (2008, p. 2) concede:

[...] acompanhamento do desenvolvimento de crianças e adolescentes em seus espaços de vida, procurando relacionar elementos dos diferentes contextos, como familiares ou comunitários que favorecem ou dificultam este processo.

Além disso, o psicólogo escolar pode trabalhar com as várias equipes de profissionais que estão inseridos no contexto escolar, problematizando sua atuação nesse espaço, levando-os a refletir suas práticas, desenvolvendo habilidades que proporcione melhorias no ambiente de trabalho, o que possivelmente acarretaria em resultado positivo no processo de ensino aprendizagem. Nessa perspectiva, Martinez (2009, p. 174) assegura que: “[...] o trabalho do psicólogo escolar pode ser muito útil na utilização de estratégias e técnicas para o desenvolvimento de equipes de trabalho, começando pela equipe de direção e atingindo todos os outros coletivos possíveis”.

Também para Antunes (2008, p.469), a psicologia escolar caracteriza “[...] como modalidade de atuação profissional que tem no processo de escolarização seu campo de ação, com foco na escola e nas relações que aí se estabelecem”. Embora seja um desafio, atualmente, os psicólogos escolares estão buscando reestruturar sua atividade nesse espaço, através de uma prática mais contextualizada, ativa, criativa e comprometida socialmente, agindo conforme salienta Andaló (1984, p. 46) como: “agente de mudanças dentro da instituição-escola, onde funcionaria como um elemento catalizador de reflexões, um conscientizador dos papéis representados pelos vários grupos que compõem a instituição”. O que possibilita um ganho não somente aos alunos, mas a todos que fazem parte desse contexto. Portanto, o psicólogo escolar

está a serviço da instituição escolar e de seus atores, contribuindo de maneira significativa ao desenvolvimento humano e de aprendizagem.

Martinez (2009, p. 172-175) ressalta que atualmente o psicólogo tem assumido uma visão mais ampla da sua atuação, considerando os aspectos psicossociais que atravessam o contexto escolar. Promovendo, por exemplo,

[...] diagnóstico, análise a nível institucional; participação na construção e acompanhamento da proposta pedagógica contribuição para coesão da equipe de direção pedagógica; coordenação de disciplinas e de oficinas direcionadas ao desenvolvimento integral do aluno; contribuir para a caracterização da população estudantil com o objetivo de subsidiar o ensino personalizado; realização de pesquisas diversas com objetivo de aprimorar o processo educativo.

Observa-se que o trabalho do psicólogo escolar tem passado por transformações e não se restringe mais a busca pela culpabilização do fracasso escolar, tampouco a atendimento individualizado. Contudo, há um longo caminho a ser percorrido pelo profissional que se insere nesse contexto.

Como já apontamos, a escola desempenha um papel importante no desenvolvimento da sociedade, segundo Gouveia (1997, p. 25) “tendo adquirido grande visibilidade social, inclusive porque passou a absorver parcelas consideráveis dos recursos públicos, a escola tem sido julgada de diferentes ângulos e com variadas preocupações”, por isso vem despertando o interesse de várias áreas do conhecimento. A psicologia é uma delas e a inserção do psicólogo na escola, possibilita a compreensão dos atravessamentos que afetam tanto as crianças, como sua família e os vários profissionais que ali atuam.

A psicologia escolar visa problematizar a escola e as relações que se estabelecem nesse contexto, bem como os processos não cognitivos presentes nessa relação, por isso vários elementos são considerados na compreensão desse processo. Segundo Gallo (2012, p.3) “qualquer relação, com pessoas ou com coisas, possui o potencial de mobilizar em nós um aprendizado”, bem como qualquer situação pode atrapalhar o aprendizado. Por isso, o psicólogo escolar, não considera somente o aluno como responsável pelo seu aprendizado, mas considera todos os fatores que permeiam esse processo.

A escola é importante socialmente, já que nela possui profissionais capacitados para ensinar, já que segundo Gallo (2012, p. 01 - 02):

Em termos contemporâneos, a Psicologia Educacional entranhou nos processos educativos a noção de ensino-aprendizagem, que procura ligar, de forma indissolúvel, estas duas ações, o ensinar e o aprender. As teorias pedagógicas do século vinte, de forma geral, centraram-se neste vínculo: só se aprende aquilo que é ensinado; não se pode aprender sem que alguém ensine. O outro lado desta afirmação, fundamental para a Pedagogia, é que se só se aprende aquilo que é ensinado, pode-se controlar o que, como, quanto alguém aprende. E o processo educativo pode, então, ser tomado

em uma perspectiva científica, dando segurança ao professor sobre como ensinar e como avaliar o aprendizado de cada aluno.

De acordo com o autor, o ensinar e o aprender andam juntos, só se aprende aquilo que é ensinado e não se pode aprender sem que alguém ensine. Porém, na prática educacional, percebemos que ensino é homogeneizado, não considera a subjetividade do aluno e essa situação pode estigmatizar o aluno que não consegue acompanhar os demais. Para que o aluno aprenda é necessário que o aprendizado tenha sentido para ele e o sentido que cada um dá é particular. Por isso, embora, a escola tenha um papel fundamental para sociedade e o aprender seja importante para o aluno, temos que caminhar muito para que o processo de ensino aprendizagem se efetive de fato e promova o desenvolvimento social.

3 – O SUPORTE METODOLÓGICO DAS INTERVENÇÕES

As intervenções que descrevemos neste artigo foram construídas a partir de um período de observação no campo, em uma Escola Estadual de Cuiabá-MT. Nesse período, utilizamos como pressuposto teórico e metodológico as ferramentas conversa e observação no cotidiano (Batista, Bernardes e Megenon; e Cordona, Cordeiro e Brasilino). Realizamos as observações cotidianas nas salas de aula, na sala dos professores e no pátio escolar, com o propósito de identificar a demanda existente e, a partir de então, elaborar um projeto de intervenção psicossocial através de oficinas, juntamente com os professores, coordenadores e alunos que visam abordar o sentido da dimensão educacional.

Para melhor compreender o que é uma intervenção psicossocial, Luiz, Prá e Azevedo (2014, p. 248) esclarecem: “A oficina de dinâmica em grupo na perspectiva psicossocial é um recurso metodológico valioso e instrumento facilitador de transformação sociocultural.” Conforme os autores, trata-se de um mecanismo importante que contribui para que o sujeito possa perceber-se, construir-se como pessoa e transformar-se por fazer parte de ambientes sociais e culturais que possibilitam estabelecer relações sociais e interpessoais. Ao se tratar das observações cotidianas, SPINK, Peter (2008 *apud* CARDONA, CORDEIRO e BRASILINO, 2014, p.129) declaram:

[...] a observação é vista não apenas como uma técnica de pesquisa, e sim como uma estratégia metodológica que oferece a possibilidade de contribuir para a compreensão da vida das pessoas, por meio da convivência comprometida, para sermos úteis de alguma maneira. Possibilita também ao estudioso que ele assuma posturas críticas que deem visibilidade às inequidades, desigualdades ou mesmo a construção de propostas conjuntas de ação.

Segundo a descrição, a observação é um importante instrumento metodológico para uma melhor compreensão da história e contexto que envolve cada pessoa que vive na sociedade. Ela possibilita a construção de projetos adequados para o público trabalhado, organizar o planejamento para que o resultado seja o melhor possível.

Considera-se relevante a observação cotidiana uma vez que nos permite compreender a produção de sentidos, os posicionamentos que são assumidos pelas pessoas nas suas práticas discursivas. Com essa base, Spink e Menegon (1999, *apud* CARDONA, CORDEIRO e BRASILINO, 2014, p. 127) destacam:

[...] as ideias com as quais convivemos, as categorias que usamos para expressá-las e os conceitos que buscamos formalizar são constituintes de domínios diversos (da religião, da arte, da filosofia, da ciência) [...]”. Da mesma forma, as autoras consideram que tanto a ciência quanto o conhecimento cotidiano, considerado tradicionalmente como subordinado ao conhecimento científico e legítimo, são formas de dar sentido ao mundo, com suas regras e princípios específicos.

As vivências cotidianas do sujeito produzem conhecimentos, relacionamentos sociais, aquisição de novas habilidades sociais, um posicionamento crítico e produções de sentido que cooperam para o desenvolvimento escolar e sua aprendizagem. Segundo Spink (2008, *apud* BATISTA, BERNARDES e MENEGON, 2014, p.102), existe “a necessidade de atentarmos para nossa própria cotidianidade, reconhecendo nela a produção e negociação de sentidos e de aprender a fazer isso como parte do cotidiano e não como pesquisador participante ou como observador distante”.

A atenção nos acontecimentos do dia a dia, nos ambientes em que o sujeito compartilha as suas vivências e sentimentos, constituem como um meio de interação social, conforme pontuam Giddens e Turner (1999, *apud* BATISTA, BERNARDES e MENEGON, 2014, p. 99), “[...] não há maneira de sobreviver em sociedade dispensando a conversa cotidiana, uma vez que ela constitui o meio de interação social predominante e a principal via de socialização”.

Com o olhar no que ocorre no cotidiano, Spink (2008, *apud* BATISTA, BERNARDES e MENEGON, 2014, p. 112) argumenta que “[...] ser pesquisador no cotidiano se caracteriza, frequentemente, por conversas espontâneas em encontros situados, que exigem postura flexível, precisamos sempre nos perguntar: o que estamos fazendo?”. Essa é a construção que se busca realizar com este artigo, na medida em que nos propomos a conversar e escutar as pessoas envolvidas na intervenção, bem como proporcionar ações que serão desenvolvidas com os participantes no decorrer das atividades propostas. Nessa perspectiva, Cardona, Cordeiro e Brasilino (2014, p. 123) esclarecem que:

[...] o instrumento da observação é muito importante e compreendida como um empreendimento dialógico não controlado, envolvendo, em alguma medida, tanto os conflitos e tensionamentos quanto a colaboração entre pesquisador e pessoas, grupos ou comunidades que fazem parte da pesquisa.

Conforme a afirmação dos autores, a pesquisa e o trabalho de observação é um campo que gera conflitos e em momento algum o mediador-facilitador está isento de enfrentar dificuldades, pois, no campo existe a presença do inusitado, do inesperado, da informalidade, das surpresas que merecem um trato todo especial por parte do profissional que está executando o processo e assim contornar as situações adversas.

Com esse foco na observação e participação na pesquisa, Cardona, Cordeiro e Brasilino (2014, p. 124) declaram: “[...] delineamos o debate sobre a observação e a participação, os tipos de observação, a observação como meio e processo e abordamos a participação e a observação como partes de um mesmo processo de produção de conhecimento”. Apesar de possíveis dificuldades, o trabalho tem como foco o processo de produção de conhecimento, no qual os sujeitos participantes contribuem na execução das atividades e melhoram seu desempenho no ensino e aprendizagem.

O início da observação é importante, pois os contatos e relacionamentos interpessoais começam a ser construídos, as negociações e a busca pela aceitação do grupo para a aplicação do projeto. Já com o grupo que se prontificou para a realização do processo das oficinas psicossociais definidos, uma nova etapa começa, trata-se de observar as demandas do público a ser trabalhado, tendo a participação desse grupo e da equipe escolar para formular um plano que atenda às necessidades emergentes do grupo e favoreça o ensino e aprendizagem.

No decorrer do processo, inúmeros são os fatores que promovem desafios para que o projeto de intervenção psicossocial venha ser construído e possa ser aplicado na comunidade em questão. Os mediadores têm que possuir uma sensibilidade para tratar as questões inesperadas que possam aparecer no decorrer das oficinas, possuir uma postura no tratamento e nos relacionamentos que surgem no cotidiano.

4 – UMA CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO DE OFICINAS PSICOSSOCIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR

As intervenções foram realizadas por meio de oficinas psicossociais com os alunos do 8ºano, visto que, após observações, percebe-se ser maior a necessidade de intervenção nessa turma. Não como forma de reforçar o estigma que carregam, mas como possibilidade de que os participantes repensem sua atuação no contexto educacional e passe a ressignificar a sua relação

com a aprendizagem e com os demais atores da escola. As intervenções tiveram como objetivo norteador trabalhar a dimensão do sentido da educação, problematizar a importância do ensino aprendizagem no seu processo de desenvolvimento, tornando esses alunos participantes ativos da sua vida escolar e social.

As intervenções ocorrerão por meio de oficinas, que segundo Afonso (2006, p.09):

[...] é um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir.

As questões abordadas nas oficinas surgiram a partir de um período de observação, a fim de se levantar as demandas da turma, uma vez que “como instrumento de intervenção psicossocial, a oficina precisa estar ligada a uma demanda do grupo” segundo Afonso (2006, p. 31). A partir daí, foi eleito um tema central a ser trabalhado a cada encontro, com o objetivo de levá-los a reflexão acerca da sua atuação em relação à aprendizagem, para que haja ressignificação da relação entre o aluno e a aprendizagem e que essa ressignificação afete outras instâncias do seu desenvolvimento. Para tanto, foram realizadas as intervenções abaixo relacionadas.

Uma vez por semana nos reunimos com o grupo, no seu período de aula, para aplicar a oficina designada para falar da importância do engajamento do aluno nas atividades e sua expectativa para o futuro; trabalhar como é importante a função de cada pessoa do contexto escolar; o que o rótulo pode produzir quando o recebemos e fazer uma autoanálise das suas atitudes como estudantes, com o propósito de problematizar essas demandas observadas. O trabalho com direção psicossocial teve a participação ativa do grupo para desenvolver as intervenções planejadas. Ao longo do processo grupal, essas sofreram alterações devido as respostas que foram apresentadas no grupo e, em casos necessários, as intervenções foram ajustadas, a fim de atender a realidade do grupo. As oficinas tiveram duração média de quarenta minutos.

O primeiro encontro foi o momento da apresentação da proposta de intervenção aos alunos, verificando o que eles gostariam que fosse trabalhado nas intervenções seguintes. Em seguida, foi solicitado que os alunos falassem sobre as suas expectativas para o futuro e as profissões que pretendiam exercer.

A segunda intervenção foi trabalhada a importância de cada um. Na dinâmica foi levado um quebra-cabeça e entregue a cada participante uma peça. Cada participante coloca a

peça que recebeu, até que o quebra-cabeça esteja montado para no final da aplicação os alunos falem sobre o processo que foi realizado.

A terceira intervenção tratou-se da dinâmica sobre os “Rótulos”, que visa trabalhar as relações interpessoais que ocorrem entre os estudantes. A intervenção psicossocial quer observar o que os alunos sentem ao serem rotulados e rotular outras pessoas, quais são os sentimentos provocados quando eu como sujeito rotulo alguém ou recebo essa caracterização?

Na quarta intervenção foram trabalhadas as características e as competências dos participantes através da dinâmica "Presente", buscando observar como as nossas características são percebidas pelos outros e como as nossas ações contribuem para a formação da percepção que os outros criam sobre nós.

A partir da contextualização teórica e das propostas de intervenções, foram aplicadas as intervenções propriamente ditas. A primeira intervenção ocorreu no dia 08 de maio de 2017, no período de aula dos alunos, com duração de 40 minutos e houve a apresentação da proposta de intervenção aos alunos e formalizado um contrato verbal da importância do engajamento de toda a turma nos trabalhos, porém, deixou-se claro a não obrigatoriedade da participação.

No início da intervenção foi solicitado que a turma formasse um círculo e perguntado se eles sabem o que um psicólogo faz? E se alguém já foi em um psicólogo? Como respostas alguns disseram que foram, outros falaram que o psicólogo trabalha com loucos e a maioria não sabiam definir o que um psicólogo faz.

Na sequência do trabalho, foi esclarecido como atua o psicólogo na sociedade, os diversos campos de atuação como: a escolar, jurídica, organizacional, clínica, esportiva, experimental, social, etc. O momento foi importante para esclarecer que a psicologia estuda o comportamento humano, o que motiva o comportamento, o que sustenta esses comportamentos.

O trabalho do psicólogo é fundamental por atuar promovendo uma escuta diferenciada, ter ferramentas que cooperam nos estudos dos processos mentais, ao trabalhar com as emoções, sensações, o processo da aprendizagem e suas dificuldades, procura entender a história do sujeito, conhecer quais são as suas relações sociais.

No segundo momento, foi solicitado que os alunos falassem sobre suas expectativas para o futuro, sobre as profissões que pretendem exercer, o que mais gostam na escola e suas dificuldades. Como resposta, diversas profissões foram escolhidas e entre elas estão: ser médica, engenheiro e policial. Um aluno “X” disse: “Quero ser policial porque vou prender todo mundo”.

Os alunos falaram livremente sobre as suas expectativas, já que segundo Bock (2010, p. 48), a escolha não pode ser direcionada por outro, o sujeito que deve ter a responsabilidade, a atitude para definir qual o caminho a seguir, pois, trata-se do seu futuro, e dos seus sonhos. Ele também destaca que:

O sujeito escolhe e essa escolha é um momento de seu processo pessoal de construção de sentidos. Mas essa construção utiliza como recurso ou matéria prima não só a irredutível existência singular dos sujeitos, suas experiências e os afetos que dedica a cada momento vivido, mas o conjunto de significações e de formas de relacionamento e produção social [...].

Com essa perspectiva, o sujeito deve se colocar e posicionar-se perante a situação da escolha. Ele é o principal interessado que tem buscado uma orientação profissional para dar um passo que pode mudar totalmente a trajetória da sua vida.

Todos os alunos falaram na sala de aula e após suas exposições foi solicitado que eles reflitam sobre como o estudo pode contribuir para que todos alcancem seus objetivos e da necessidade do respeito nas interações sociais. Como respostas dos alunos, destacam-se as seguintes expressões: “O estudo é a grande possibilidade para ter uma vida melhor, sem estudos as pessoas têm mais dificuldades para se ingressar no ramo de trabalho e ter sucesso profissional e as relações, com as pessoas são importantes para a construção de novos vínculos, porque ninguém consegue viver numa sociedade sozinha”.

A segunda intervenção ocorreu no dia 15 de maio de 2017, com duração de 40 minutos, foi solicitado que os alunos fizessem um círculo para que fosse trabalhada a dinâmica acerca da importância de cada um. A dinâmica consistiu em montar um quebra-cabeça e entregar a cada participante duas peças. Cada participante colocou a peça que recebeu na mesa, até que o quebra-cabeça estivesse montado. O objetivo da intervenção foi levar os alunos refletirem sobre a importância de cada participante, já que se uma peça faltar o jogo fica incompleto.

No processo teve-se a participação de quatorze alunos, sendo oito alunas, seis alunos. Na sequência, foi distribuído peças do quebra-cabeça para que os alunos montassem da melhor maneira possível. Nesse momento, alguns alunos participaram de maneira mais efetiva e três que não quiseram estar na roda, ainda assim, dois deles também participaram e apenas um aluno não participou.

No início da atividade, os alunos ficaram eufóricos para montar o quebra-cabeça, já tentavam deduzir o que era a imagem e montar mesmo sem as devidas orientações do trabalho. Foi solicitado que aguardassem as instruções para que se iniciasse o processo de montagem. Inicialmente, tiveram muita dificuldade por estarem acostumado a trabalhar de forma individualizada, conforme verificamos no período de observação. Outra questão que apareceu

no percurso da montagem, foi que alguns alunos tomaram frente do processo e queriam pegar as peças das mãos dos outros alunos, o que nos possibilitou problematizar sobre o tempo de cada um, e a necessidade do respeito a esse tempo.

Nessa concepção, Guzzo (2015, p. 26) afirma que o psicólogo escolar pode: “[...] ajudar a descobrir meios de substituir ações violentas por formas mais racionais de se agir; e contribuir para a formação de uma identidade coletiva que responda à realidade”. A atividade proposta possibilitou a turma pensar como resolver o problema que era montar o quebra-cabeça, deixando claro a necessidade de uma atuação do coletivo para executar o trabalho.

Na atividade proposta, alguns alunos não ligavam as suas peças com os participantes que não tinham afinidades dificultando a finalização do processo. Diante da necessidade de finalizar, os alunos perceberam que para isso precisavam das peças do outro, a partir de então finalizaram a montagem. O aluno A diz ao aluno C: “ei coloca sua peça aqui senão vai ficar faltando e não vai dar certo”.

Após a finalização da montagem, foi perguntado o que eles pensavam sobre as palavras que se formaram (professor, alunos, direção, coordenação, família, funcionários). Por que essas palavras estavam ali? Qual a relação dessas palavras com a educação? Os alunos, que responderam, disseram que é porque cada uma dessas palavras representa quem faz parte da educação. Outros disseram ainda que todos juntos formam a escola e que para a escola dar certo precisa que todos participem. Segundo relato da aluna B “a escola é boa, mas falta a gente ajudar mais com a professora, se nós não fizemos a tarefa, nós não aprendemos”. O aluno C diz: “a tia da cozinha é importante, sem ela não teríamos lanche (risos)”.

“Compreender e interpretar o mundo são processos que envolvem as dimensões sócio-cognitiva e sócio-afetiva”. Esta concepção pode ser trabalhada e visualizada nos processos grupais que participamos, na medida em que, se trabalha as dimensões comunicacionais deste grupo (AFONSO, SILVA e ABADE, 2009, p. 708). A comunicação, o questionamento entre os estudantes, foi importante para analisar todo o processo da montagem do quebra-cabeça e a imagem já pronta, identificando a importância funcional de cada integrante para um bom andamento escolar.

No decorrer do trabalho, os alunos foram levados a pensar sobre a consideração de um para com o outro e a relação de aproximação com os professores. Vários alunos disseram que é importante ter educação e outros falaram que só respeitam se forem tratados da mesma forma. Ao dizerem isso, foi apresentado aos estudantes várias situações da vida que se a outra pessoa está praticando atitudes com teor de desrespeito, elas fariam o mesmo? Como por exemplo: Se

uma pessoa brigar, xingar, deixar de fazer as atividades escolares, elas também agiriam com as mesmas atitudes.

A intervenção levou os alunos a analisar que cada um é responsável por construir a sua história, cada sujeito deve olhar para si e questionar o que eu estou fazendo para melhorar a minha comunidade escolar e não ficar olhando para exemplos que prejudicam o funcionamento escolar e o ensino aprendizagem dos estudantes. Para melhor pensar no comprometimento destacamos Felicetti e Morosini (2010, p. 25) que dizem: “O comprometimento do estudante com sua aprendizagem está relacionado aos objetivos e inspirações que ele tem, desencadeando, assim, o sentido de equilíbrio entre o querer e o fazer”. Esta intervenção possibilitou também que os acadêmicos fossem posicionados como ativos no processo histórico e dialético de constituição de suas vidas.

A ideia apresentada pelos autores deixa clara que cada aluno por fazer parte do conjunto que forma a instituição escolar, ele também é responsável para escrever a sua história na busca da aprendizagem e alcançar os seus objetivos na vida. Esse processo exige uma postura crítica para executar as atividades propostas, para analisar, questionar e refletir para aquisição de novos conhecimentos.

A terceira intervenção ocorreu no dia 22 de maio de 2017, com duração de 40 minutos, neste dia foi trabalhado a questão de rotulações percebidas nas relações interpessoais que os alunos estabelecem entre si. Na sala de aula estavam presentes dez alunos, sendo cinco meninos e cinco meninas. A turma foi dividida em dois grupos e através da dinâmica "Rótulos", problematizou-se a ocorrência de práticas de rotulação existentes na sala de aula, levando-os a repensarem as suas práticas.

No início da intervenção foi explicado o que é um rótulo e foram utilizados como rótulos de acordo com os alunos: sou tímido (a) - fale oi para mim, sou a mais bonita (o) - faça um elogio; sou a mais estudiosa (o) - dê-me parabéns; sou o mais conversador (a) - faça um sinal de silêncio; sou mais devagar -segure minha mão; sou mais agitado (a) - isole-me; sou o mais sorridente - sorria para mim; sou o mais desobediente - faça um sinal de pare para mim; sou o mais comportado (a) – convide-me para sentar perto; sou o mais engraçado - ria!; sou o que mais ando na sala - faça um sinal de pare; sou o que mais xingo - ignore-me.

Na realização da dinâmica, a turma foi dividida em dois grupos A e B e foram escritos alguns rótulos, que foram colados em cada participante do grupo B de acordo com a indicação do grupo A. Os participantes do grupo B não podiam falar qual era o rótulo que estava nas costas do colega do grupo. Os participantes que tiveram com o papel colado do grupo B

passaram a caminhar na sala, enquanto o grupo A interagiu com eles a partir do rótulo que estava escrito e colado na sua costa. Decorrido alguns minutos, ambos os grupos foram questionados sobre o que sentiram, rotulando e sendo rotulados. Para que o objetivo da dinâmica fosse alcançado, deve-se existir o respeito mútuo e não a desqualificação do outro, pensando nisso, Amorim e Loureiro (2005, p. 554) dizem:

Acreditamos que, para que o diálogo seja ferramenta possível, é preciso que haja um respeito mútuo mínimo que permita às partes falarem e se ouvirem, um respeito que proporcione boa vontade, no sentido de não desqualificar o outro antes mesmo de ouvir e interpelar seus argumentos.

O trabalho foi realizado para que logo após a sua aplicação, os participantes pudessem refletir sobre o assunto abordado, pudessem expressar seus sentimentos sobre o fato de rotular e ser rotulado por alguém.

Logo no início da dinâmica, houve uma inquietação por parte da maioria dos alunos, pois queriam saber antecipadamente qual era o rótulo do outro ou qual o seu próprio rótulo. Eles tiveram que segurar a ansiedade para não dar o nome antecipado dos rótulos trabalhados.

Essa intervenção foi muito importante porque todos os alunos estavam comprometidos para realizar a tarefa proposta, as suas expressões eram de alegria em estar participando, sendo ouvidos quando foram solicitados que escolhessem os rótulos. Nesse momento, houve uma reunião entre os alunos, descrevendo as características que identificavam nos colegas, para que em seguida escolhessem o rótulo que melhor o representa.

Após seus colegas serem rotulados, começaram a andar pela sala e também ocorreu a interação em resposta ao rótulo que foi escolhido. O próximo passo foi perguntar para os grupos sobre o que sentiram ao ser rotulado e rotular alguém. Esse foi um período que os grupos começaram a refletir as suas atitudes, foi lançado à oportunidade para que a turma se questionasse e, em seguida, expressassem o que sentiram.

Nesse momento, alguns alunos destacaram que não sentiram bem em colocar o rótulo no colega, as sensações trouxeram incômodo, sentimento que ficou evidente quando o aluno D diz: “eu não sei que papel escolher para ele, é ruim colocar papel nos outros”. Também alguns que receberam o rótulo indignaram por não concordarem com o rótulo recebido e outros já aceitaram tranquilamente por acreditar que trata da sua forma de ser. De acordo com o aluno A, que diz: “eu não sou isso que vocês disseram, não concordo com esse papel que vocês escolheram para mim”.

Na intervenção, todos os alunos se envolveram no processo e acabaram pedindo que fosse realizado a dinâmica novamente, invertendo os papéis, quem rotulou, agora vai receber o

rótulo e vice-versa. Todos desejaram ter a experiência de dar o rótulo e recebê-lo, sendo no final feita a reflexão por parte dos alunos, dos sentimentos que a atividade trouxe a eles. Houve uma troca de opiniões, um momento rico, pois todos haviam vivenciado os dois papéis de rótulos e rotulados.

O processo possibilitou uma autopercepção para que possam conseguir olhar para o outro de uma maneira diferenciada. Rotular é caracterizar alguém, usar de um estereótipo para identificar de maneira pejorativa o sujeito. Um exemplo claro de estereótipo é quando nos referimos aos negros que acabam recebendo um péssimo rótulo que o desqualifica como cidadão. Isso é destacado por Wormhoudt, Torossian e Marques (2006, p.18) que dizem:

Espera-se, então, que o jovem negro, oriundo da periferia, desempenhe seu papel de delinquente ou, ao menos, “suspeito”. Pois, de fato o estereótipo é uma fonte importante de expectativas sobre como um grupo é, ou deve ser. Quando efetivamente o jovem negro da periferia “encarna” esse papel, a profecia se realiza.

Ao pensar no rótulo e no estereótipo, esse exemplo forte nos desperta para refletir como está impregnada na sociedade e nas instituições, inclusive a escolar, o ofício de rotular e estereotipar alguém. Fato que nos leva a acreditar que a escola e seus alunos podem ou romper com as práticas de preconceitos construídas historicamente na nossa sociedade, colocando-se no lugar do outro; ou, reproduzir essas práticas.

A quarta intervenção ocorreu no dia 05 de junho de 2017, com duração de 40 minutos, com a presença de quinze alunos, sendo sete meninos e oito meninas. Neste dia, foram trabalhadas as características e as competências dos participantes, através da dinâmica "Presente", problematizando como as nossas características são percebidas pelos outros, e como nossas ações contribuem para formação da percepção que os outros criam sobre nós, como ocorrem as relações interpessoais importantes e parte das redes sociais que são importantes para a coletividade escolar. Ao pensar as relações interpessoais dos alunos e como eles observam os outros, Sousa e Santos (2011, p. 58) dizem:

[...] a magnitude da importância de se considerar as redes sociais ao estudar os comportamentos e os processos mentais e psicossociais dos indivíduos. As redes sociais tornam-se cada vez mais elaboradas e complexas, e os estudos acerca dos relacionamentos interpessoais não podem negligenciar a configuração de rede em que os seres humanos vivem imbricados.

No processo de ensino e aprendizagem são importantes as relações interpessoais e a atuação das redes sociais (a escola, a família, a comunidade local, as políticas públicas e as entidades sociais). Para iniciar a dinâmica, foi solicitada para turma que formassem um círculo no meio da sala de aula e, em seguida, foi explicada as regras da dinâmica do presente.

Foi esclarecido para a sala que no primeiro momento da dinâmica, o presente não poderia ser dado para a mesma pessoa duas vezes, somente após todos terem recebido o presente e a partir do princípio que todos terem recebido o presente, o mesmo poderia ser entregue novamente para qualquer participante da dinâmica. Também foi explicado que ao falar certas características, um dos integrantes da sala deve pegar o presente. Desde o seu início, os alunos ficaram inquietos para participarem. Muitos diziam: “O presente é meu e outro retrucava na mesma hora, não esse presente é meu”. Havia uma animação geral por parte dos participantes.

Logo no início, foi apresentado o presente e solicitado que aquele aluno que se achasse mais corajoso viesse buscar o presente. Rapidamente o aluno “A” pegou todo alegre o presente e, em seguida, foi explicado o que é ser corajoso e sua importância, mas o presente não era dele, o aluno “A” tinha que entregar o presente para o colega que ele achasse mais inteligente.

Com todo o otimismo e alto astral, passou o presente para a aluna “B” que achava mais inteligente. Na sequência, foi falado um pouco do ser inteligente, dado os parabéns por ter encontrado espaço para demonstrar este talento, pois muitas pessoas são inteligentes e a sociedade, com seus bloqueios de desigualdade, que impõem diferenças entre as classes sociais, caracterizando as pessoas como sendo umas melhores do que as outras e diminuindo a inteligência de algumas em favor de outras, impedindo que eles desenvolvam sua própria inteligência. Mas, o presente ainda não é seu, a aluna “B” tinha que passar o presente para um colega que seja mais calma da turma.

A aluna “B” passou o presente para a aluna “C”, apresentada como calma, pois o mundo está muito agitado e precisa de pessoas mais calmas. Foi dito: “parabéns! No mundo agitado em que vivemos você consegue manter a calma, porém, com muita calma, passe o presente a quem você considera o aluno mais generoso”. A aluna “D” recebeu o presente e foi esclarecido que o aluno se coloca à disposição dos outros, e isso é admirável, mas o presente ainda não é seu, passe-o a quem você considera sorridente.

O aluno “E” recebeu o presente e uma fala foi realizada, dizendo: “o sorriso tem o poder de espalhar alegria. Parabéns, por semear alegria, mas o presente ainda não é seu, passe-o a quem considera o mais o mais bonito (a)”. O presente foi entregue para o aluno “F”, pois para muitos, a beleza é fundamental, mas para você é apenas uma qualidade, que pena! Este presente também não é seu passe-o para quem você considera o mais quieto (a).

Um aluno (a) “G” recebeu o presente e foi explicado que em muitos momentos o silêncio é necessário e sinal de sabedoria. Parabéns! Mas o presente não era seu, passe-o para quem você considera o (a) mais prestativo. Também o aluno (a) “H” recebeu o presente e

recebeu os parabéns pela sua disposição em ajudar os outros. Ajude alguém a ficar mais feliz entregando-lhe o presente, mas o presente ainda não é seu, passe-o a quem você considera o (a) mais esforçado (a).

O aluno “I” recebeu o presente, que bom, parabéns pelo seu esforço, mas o presente não é seu, passe-o para a pessoa mais romântica. O aluno “J” recebeu o presente foi exclamado: “como pessoa romântica que é você e vê o amor em todas as coisas, mas mesmo assim este presente não é seu, entregue-o a uma pessoa mais sincera”.

O aluno (a) “L” recebeu o presente e ser sincero (a) é ser fiel, é ser uma pessoa em quem se possa confiar, tomara que existam mais pessoas como você, porém, não fique com o presente, seja sincero (a), entregue-o a pessoa mais simpática. O aluno (a) “M” recebeu o presente, foi exposto sobre a admiração pela sua simpatia e na sua simpatia, dê uma voltinha, mas apenas para escolher uma pessoa delicada.

Também o aluno (a) “N” recebeu o presente e foi exposto que a cortesia é a maneira que o homem encontra de demonstrar toda a sua delicadeza, então foi dito, seja cortes e entregue este presente a uma pessoa que demonstra ser de confiança. O aluno (a) “O” recebeu o presente e foi explicado que a confiança é fundamental, nos orienta a atingir nossos ideais e relatado que ele/ela já está confiante demais, portanto, este presente não lhe pertence, entregue-o à pessoa mais interessante.

O aluno (a) “P” recebeu o presente e realizado uma explicação que ser interessante significa cativar o espírito, a atenção, a curiosidade. Então seja interessante e cativa uma pessoa, passe para a pessoa mais amiga. Como todos já receberam o presente, você foi eleito a pessoa mais amiga. Parabéns! Ser amigo é primordial, é reunir um pouco de todas as qualidades, é ter amor no coração. Este presente é para você e como amigo que é, irá reparti-lo com todos os amigos que estão compartilhando este momento especial. A aluno que foi considerado amigo repartiu o presente, a sua caixa de bombom, com todos os colegas numa linda confraternização.

No decorrer do processo foi interessante as expressões faciais, a linguagem verbal e não verbal de alguns alunos. Houve aqueles que deram boas gargalhadas no decorrer da dinâmica, outros que estiveram compenetrados no que estava sendo trabalhado, alguns que expressavam em voz alta que aquela característica era dele.

O trabalho de intervenção teve um comprometimento e aplicação da sala, as suas expressões eram de satisfação. Alguns alunos disseram: “Que legal, essa é a minha característica”. A turma demonstrou atenta para a temática trabalhada, estavam desejosos pelo presente dizendo muitos: “Esse presente é meu”.

Após ser feita a divisão do presente a todos os colegas da sala, que se tratava de uma caixa de bombom, cada um foi solicitado a falar o que estavam sentindo a respeito da forma que os colegas o consideravam. Alguns alunos disseram: “Foi muito legal ele achar isso de mim, eu gostei mesmo”. Também tiveram outros que declararam: “Não concordo com essa opinião, eu acho que a minha qualidade é outra, a “tal”.

No momento que a turma estava expondo suas opiniões, foi interessante observar que todos expressaram de alguma forma, demonstraram que entenderam a mensagem que foi trabalhada. A turma se expressou muito sobre tudo o que aconteceu e quando foi falado que já era o último dia das intervenções, questionaram imediatamente, não aceitaram, disseram: “Não, agora não! Está tão legal, continuem o trabalho”. O retorno da turma foi impactante, observase que o trabalho surgiu um efeito, teve um resultado, os alunos passaram a fazer uma autoavaliação de suas atitudes como estudantes e perceber melhor as suas próprias características pessoais. Uma das alunas ficou com lágrimas nos olhos quando soube que o estágio estava terminando e um aluno “X”, ao chegar a coordenadora na porta, disse: “Esses são os tipos de professores que vocês têm que trazer para a escola”.

O processo trabalhado buscou fazer os alunos pensarem mais nas suas relações, que essas relações tivessem qualidades e pensado nisso, Souza e Hutz (2008, p. 258) argumentam:

Uma das mudanças mais significativas foi a definição de relacionamento como um processo dinâmico, que se desenvolve ao longo do tempo e se modifica conforme as etapas da vida, influenciado por normas sociais e aspectos culturais. Passou-se a reconhecer que um dado relacionamento, qualificado por seus integrantes como significativo na comparação com outros intercâmbios sociais, possui propriedades distintas daquelas identificadas separadamente em cada um dos indivíduos que nele interagem.

O relacionamento dos alunos na escola resulta de um processo dinâmico que envolve as relações familiares, sociais, culturais e interpessoais. O aluno está no processo de construção de seus conhecimentos, sendo influenciados pelo seu meio social, adquirindo novas experiências para a sua formação como cidadão, portanto, a dinâmica trabalhada cooperou para que cada um se questionasse sobre as suas qualidades e como eu percebo o meu próximo.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estágio escolar realizado em uma escola pública em Cuiabá-MT, com os alunos do 8º ano do ensino fundamental, possibilitou uma experiência ímpar no que diz respeito às intervenções psicossociais. O trabalho demonstrou ser um grande desafio a ser realizado e que tem a possibilidade de alcançar toda a comunidade escolar.

As intervenções têm como objetivo promover uma ressignificação por parte dos alunos no que diz respeito a aquisição do ensino e aprendizagem, fortalecer os vínculos construídos através das relações interpessoais, que eles venham a repensar a sua atuação no contexto escolar, qual é a importância da educação na modulação da sua subjetividade e mostrar como é crucial a presença de um psicólogo escolar na instituição.

O processo ocorreu a partir de observações realizadas nas salas de aula, no pátio escolar, na sala dos professores. Houve muito diálogo com os membros da equipe escolar: a direção, os coordenadores, os professores, os funcionários e alunos que cooperaram para a construção das propostas de intervenção que respaldavam as demandas que surgiram no decorrer das atividades, como a importância do aluno engajar nos trabalhos e suas expectativas para o futuro; o aluno perceber que cada um é importante no processo educacional; o surgimento de rótulos entre os colegas; e a necessidade como percebemos o outro e somos percebidos.

No objetivo de atender essas demandas, a proposta de intervenção psicossocial teve uma fundamentação teórica consistente para embasar as temáticas desenvolvidas como as políticas públicas, o contexto da psicologia escolar na educação e também foi utilizado na construção das oficinas de dinâmicas de grupo a perspectiva psicossocial de Afonso e as ferramentas metodológicas de coletas de dados a partir das observações e conversa no cotidiano propostos por Batista, Bernardes e Megenon; e Cordona, Cordeiro e Brasilino.

O estágio no contexto escolar foi relevante por mostrar a importância de um psicólogo na escola, para trabalhar com as mais diversas questões que surgem e que provocam sofrimento. A escola é um ambiente que promove a busca do conhecimento e constitui-se com a participação de toda a comunidade escolar, a efetiva participação dos alunos, dos gestores, dos professores, dos funcionários e os familiares dos estudantes que ajudam a compor esse quebra-cabeça que é a instituição escolar.

O nosso papel não era se direcionar para o foco “problema determinado pela escola”, nesse ambiente foi esclarecido junto à coordenação que ali que a função do psicólogo é estar à disposição da escola, para atender as demandas trazidas pela equipe escolar. Após um período de observação e escutas, foram realizadas as intervenções com uma turma que trouxeram as suas demandas. No final de cada intervenção, os alunos refletiam e discutiam sobre os aspectos trabalhados e sua aprendizagem, os alunos passaram a fortalecer a sua autopercepção como sujeito, que fazem parte de uma sociedade que vive construindo relações que influenciam na sua construção como pessoa.

Após cada intervenção realizada, era feita uma devolutiva para a coordenadora da escola e responsável pelo estágio de campo, para relatar sobre o desenvolvimento das atividades propostas e tornou-se uma forma de troca de experiências, o que possibilitou a reflexão sobre aspectos, como as questões familiares, a falta de recursos para tornar a escola mais atrativa, a falta de interesse dos alunos, que permeiam a dinâmica da sala de aula.

As temáticas trabalhadas que demandaram da turma são questões ligadas sobre as expectativas futuras, o seu mercado de trabalho e a sua profissão. Também foi realizado atividades que mostram o papel de cada participante no contexto escolar, cada um tem a sua importância para o bom funcionamento da coletividade.

Uma das intervenções trata-se das questões que emergem frequentemente ao estereotipar e rotular o outro, buscando constranger o seu próximo, não respeitando o colega ou até mesmo o professor. Nessa aplicação, os alunos passam a perceber o sentimento de dar o rótulo para alguém e receber o rótulo, possibilitando novas reflexões para a sua vida como um estudante participante de uma comunidade escolar.

A última intervenção foi marcante por mostrar que todos têm suas habilidades e competências e tem uma função importante na sociedade. Com base em tudo que foi expresso pode-se considerar que o resultado foi satisfatório, já que os discursos confirmaram nossa percepção. Segundo a professora de ciências “A turma melhorou muito, é visível a mudança”, fala que foi confirmada pelos demais professores. De acordo com o aluno “Y”: “eu não falto segunda feira só para participar com vocês”.

O período de estágio no contexto escolar foi importante e válido para o nosso crescimento acadêmico e profissional. Trata-se de um período de construções de vínculos e escutas para as demandas da escola, possibilitando um amadurecimento da nossa forma de atuar no campo da psicologia escolar, conseguindo problematizar sobre a importância da aprendizagem, das relações que são estabelecidas dentro e fora do contexto escolar.

A experiência só intensifica a certeza da necessidade do profissional de psicologia no contexto escolar, que pode contribuir no processo do ensino e aprendizagem e desenvolvimento do aluno, ajudar na construção das relações, ser um mediador para que toda a comunidade escolar, juntamente com a família, possa estar em sintonia em prol do estudante e para a sua formação, sua construção de novos saberes e de suas relações interpessoais.

6 – REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. **Reforma do Estado e Políticas Educacionais:** Entre a Crise do Estado-Nação e a Emergência da Regulação Supranacional. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v22n75/22n75a03.pdf>>. Acesso em: 06/05/2017.

AFONSO, Maria. Lúcia. Miranda. **Oficinas Em Dinâmica de Grupo:** Um Método de Intervenção Psicossocial. Casa do Psicólogo, 2006.

AFONSO, Maria. Lúcia. Miranda; SILVA, Marcos. Vieira; ABADE, Flavia Lemos. **O Processo Grupal e a Educação de Jovens e Adultos.** 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n4/v14n4a11.pdf>>. Acesso em: 07/06/2017.

AMORIM, Ana Carla; LOUREIRO, Moura. **A Concepção de Violência Segundo Atores do Cotidiano de Uma Escola Particular: Uma Análise Psicológica** .2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v25n4/v25n4a05.pdf>>. Acesso em: 21/05/2017

ANDALÓ, Carmem Silva de Arruda. **O papel do psicólogo escolar. *Psicologia: Ciência e profissão*** 4.1 (1984): 43-46. 1984. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v4n1/09.pdf>>. Acesso em: 25/03/2017.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. **Psicologia Escolar e Educacional:** história, compromissos e perspectivas. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n2/v12n2a20.pdf>>. Acesso em: 25/03/2017.

BATISTA, Neuza Cristina Santos; BERNARDES, Jefferson; MENEGON, Vera Sônia Mincoff. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. In: SPINK, M. J., et al (Org.). **A produção de informação na pesquisa social:** compartilhando ferramentas. 1 ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014, p.97-122.

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação Profissional para as Classes Pobres.** São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Constituição (1988). Emenda constitucional nº 9, de 9 de novembro de 1995. **Lex:** legislação federal e marginalia, São Paulo, v. 59, p. 1966, out./dez. 1995.

BRASIL. LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.10ª ed. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lex:** Câmara dos Deputados, Brasília, p. 9, 07/nov. 2014.

BRASIL. **Lei No 8.069 de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. 2010.

CARDONA, Milagros Garcia; CORDEIRO, Rosineide. Meira.; BRASILINO, Jullyane. Observação no cotidiano: um modo de fazer pesquisa em Psicologia Social. In: SPINK, M. J., et al (Org.). **A produção de informação na pesquisa social:** compartilhando ferramentas. 1 ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014, p.123-148.

FELICETTI, Vera Lúcia.; MOROSINI, Marília Costa. **Do compromisso ao comprometimento: o estudante e a aprendizagem.** 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/nspe2/02.pdf>>. Acesso em: 15/05/2017.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 40.

GALLO, Sílvio. **As múltiplas dimensões do aprender.** 2012. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf>. Acesso em: 15/05/2017

GOUVEIA, Aparecida Joly. A Escola, Objeto de Controvérsias. In: PATTO, Maria Helena Souza. **Introdução a Psicologia Escolar.** Casa do Psicólogo, 1997, p. 25.

GUZZO, Raquel. **Psicologia em Instituições Escolares e Educativas:** Apontamentos para um Debate. 2008.

GUZZO, Raquel Souza Lobo. A escola Amordaçada e o Compromisso do Psicólogo com este Contexto. In: MARTINEZ, Albertina Mitjans. **Psicologia Escolar e Compromisso Social:** novos discursos, novas práticas Campinas: Alínea, 2015.

LUIZ, George Moraes; PRÁ, Rayany Mayara Dal; AZEVEDO, Renata Cross. **Intervenção psicossocial por meio de oficina de dinâmica de grupo em uma instituição:** relato de experiência. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/22770/16502>>. Acesso em: 10/11/2017.

MARTINEZ, Albertina Mitjans. Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n1/v13n1a20.pdf>>. Acesso em: 20/04/2017.

PATTO, Maria Helena Souza. O papel social e a formação do psicólogo: contribuição para um debate necessário. In: PATTO, Maria Helena Souza. **Introdução a Psicologia Escolar.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p. 459.

SOUZA, Diego Araújo; SANTOS, Elder Cerqueira. **Redes sociais e relacionamentos de amizade:** ao longo do ciclo vital 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n85/06.pdf>>. Acesso em: 04/06/2017

SOUZA, Luciana Karine; HUTZ, Claudio Simon. **Relacionamentos Pessoais e Sociais:** Amizade em Adultos. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a08v13n2>> Acesso em: 04/06/2017

WORMHOUDT, Airen Prada; TOROSSIAN, Miriam Sansoni; MARQUES, Sonia. **Violência urbana:** estereótipo do agressor e da vítima. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v10n10/v10n10a02.pdf>>. Acesso em: 21/05/2017